



Sociedade Brasileira de Estudos
Interdisciplinares da Comunicação

*Iniciacom – Revista Brasileira
de Iniciação Científica em
Comunicação Social*

MEIO AMBIENTE E FOLHA DE SÃO PAULO: A CONSTRUÇÃO DE NOTÍCIAS NO PERIÓDICO DIÁRIO

BRUNA BRONOSKI¹; MICHELE GOULART MASSUCHIN²; EMERSON URIZZI CERVI³

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA (UEPG)

Resumo: O artigo apresenta uma análise de como o jornal Folha de São Paulo aborda o tema meio ambiente de 1992 a 2008. O objetivo é identificar as características da produção jornalística levando em consideração a pluralidade de fontes, o espaço ocupado e a presença e visibilidade do assunto. A metodologia de pesquisa utilizada no desenvolvimento do trabalho é quantitativa de análise de conteúdo. Foram analisadas 442 edições em que foram coletados 783 textos jornalísticos sobre meio ambiente. A partir das informações analisadas, conclui-se que o jornal não promove o debate sobre o assunto.

Palavras-Chave: Meio ambiente. Produção jornalística. Análise de conteúdo.

ENVIRONMENT IN ‘FOLHA DE SAO PAULO’: THE CONSTRUCTION OF NEWS IN A DAIL NEWSPAPER

Abstract: The paper presents an analysis of how the newspaper Folha de Sao Paulo addresses the environment from 1992 to 2008. The goal is to identify the characteristics of news production taking into account the plurality of sources, the space occupied and the presence and visibility of the theme. The methodology used to develop the text is quantitative of content analysis. 442 editions were analyzed and these ones presented 783 articles about the environment. From the information analyzed, it appears that the newspaper does not promote the debate about this theme.

Keywords: Environment. News production. Content Analysis.

¹ Aluna do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pesquisadora de Iniciação Científica do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG no grupo de Pesquisa de Mídia e Política (UEPG). bbronoski@gmail.com.

² Recém graduada do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa e membro do grupo de Pesquisa de Mídia e Política (UEPG). mimassuchin@hotmail.com.

³ Orientador da pesquisa. Professor coordenador do grupo de Pesquisa em Mídia e Política da UEPG, docente do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG e do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná – UFPR ecervi7@gmail.com.



1. Introdução

O tema meio ambiente está diretamente ligado à sociedade, pois nossos atos frequentemente refletem ações prejudiciais à natureza, por meio da poluição do ar pelo uso dos automóveis, produção de lixo doméstico, utilização de agrotóxicos nas lavouras etc. Com o passar do tempo e o aumento da degradação da natureza pelas ações do homem, percebeu-se a necessidade de chamar a atenção para esse tema. A mídia é um espaço que pode proporcionar visibilidade e levar à população diversos tipos de informação. Dessa forma, pode ser utilizada como forma educativa, de divulgação, denúncia ou conscientização, mas isso depende da forma que os veículos abordam os temas.

Foi a partir do final do século XX que o jornalismo ambiental se desenvolveu com mais ênfase na mídia (SCHIMIDT, 2005). Dessa forma, analisar um veículo de comunicação é uma forma de verificar que tipo de informação sobre o tema é publicada. Para dar um panorama do desenvolvimento do tema na mídia, é utilizado o jornal Folha de São Paulo. O objeto dessa pesquisa são somente as notícias que, de alguma forma, fazem referência ao meio ambiente, por meio de denúncias, discussões públicas, eventos ou resultados científicos. Neste trabalho, são considerados os textos que seguem o seguinte conceito: aqueles que trabalham com o conjunto de temas que englobam fauna, flora, ecologia, biodiversidade, as ações do homem contra a natureza e as possíveis formas de sanar os problemas que surgem a partir dessas ações.

A pesquisa no Jornal Folha de São Paulo se deu por amostragem e foram selecionadas edições do ano de 1992 a 2008. O período escolhido justifica-se pelo fato de que foi a partir da ECO-92 que os veículos de comunicação passaram a pautar mais o assunto, sendo o início da década de 90, considerado o *boom* do jornalismo ambiental (TOSI E VILLAR, 2001). A pesquisa tem como objetivo analisar o conteúdo do Jornal Folha de São Paulo para verificar de que forma o veículo abordou a crise ambiental de 1992 a 2008. Por meio das variáveis da análise, construídas a partir da revisão bibliográfica, será possível identificar os tipos e a



Sociedade Brasileira de Estudos
Interdisciplinares da Comunicação

*Iniciacom – Revista Brasileira
de Iniciação Científica em
Comunicação Social*

quantidade de fontes mais utilizadas, os assuntos abordados, o espaço destinado tanto na capa quanto no interior do jornal, o impacto das três conferências nas pautas, a região geográfica a que pertencem as notícias, a origem e formato da produção. Com os resultados, será possível fazer a relação entre as teorias do jornalismo e os resultados encontrados, numa discussão sobre a produção jornalística, envolvendo as rotinas produtivas, estudos de fontes e as teorias que compreendem o jornalismo como uma construção social.

São apresentadas aqui algumas hipóteses para verificação a partir do trabalho de campo, com posterior observação para ver se procedem ou não ao final da pesquisa. A primeira delas é de que, com o passar dos anos, houve aumento do número de textos que trabalham a temática ambiental. Ela parte do princípio de que o jornalista escreve sobre aquilo que está acontecendo na sociedade e, na medida em que aumentaram os debates relacionados a temas ambientais, até mesmo partindo de eventos que pautam o assunto, conseqüentemente os meios de comunicação aumentaram a produção desse tipo de texto jornalístico. Outra hipótese é a ausência de textos que denunciam os problemas causados pelo desenvolvimento urbano e industrial. Detectou-se esta possível ausência a partir das leituras feitas no decorrer deste trabalho que falam sobre a relação existente entre o setor comercial e jornalístico dentro do veículo e, nesse caso, a relação entre os anunciantes e a própria temática trabalhada. A terceira hipótese é a predominância de fontes oficiais nos textos, da mesma forma que em outros temas abordados pela mídia. Ela está relacionada com o processo das rotinas jornalísticas, a falta de tempo e a grande quantidade de textos para poucos jornalistas que trabalham nas redações. A última hipótese é a falta de reportagens que trabalham com educação ambiental, no sentido que o veículo explora mais o factual e textos de impacto (eventos e desastres) por chamarem mais a atenção.

O trabalho visa mostrar como os meios de comunicação abordam a temática discutida nesse trabalho, a partir da análise de um veículo diário de abrangência nacional, por apresentar assuntos de todo o país e não apenas de uma região específica. Caso fosse um veículo re-



gional, a abrangência menor não proporcionaria um leque maior de assuntos pautados. É mais uma forma de verificar como as rotinas produtivas e a influência dos interesses externos (como por exemplo, o interesse político expresso na teoria da ação política e da teoria construcionista) podem de fato influenciar no processo de produção das notícias.

2. O desenvolvimento da temática ambiental na sociedade contemporânea

Estudos afirmam que os problemas ambientais entraram em discussão a partir do lançamento do livro de Rachel Carson, em 1962, intitulado *Silent Spring* (A Primavera Silenciosa). Assim, chamando a atenção de cientistas norte-americanos, o livro desencadeou uma série de discussões sobre os danos que o próprio homem era capaz de causar ao meio ambiente. É a partir daí que a mídia ajuda a transformar a situação dos recursos naturais do planeta em discursos políticos, já que a “ecologia” era continuamente perturbada e os homens estavam em perigo por destruir um sistema do qual dependiam (GOLLEY, 1993).

Neste cenário de preocupação do homem com seu habitat e os recursos naturais nele presentes, a Organização das Nações Unidas (ONU) sugeriu fóruns de discussão sobre o assunto, como a Estocolmo-72, na Suécia; a Eco-92, realizada no Rio de Janeiro (Brasil) e a Eco-02, em Johannesburgo na África do Sul. Samyra Crespo (apud TRIGUEIRO, 2008) enfatiza a importância da pesquisa de opinião pública para que a sociedade entenda qual o grau de envolvimento com a questão – como políticas ambientais - que a mesma sociedade propõe (TRIGUEIRO, 2008). Por meio do debate público e de especialistas é possível identificar os paradoxos que norteiam os assuntos ambientais, como ocorreu com a descoberta das reais consequências do pesticida de Muller e, como outro exemplo, a verdadeira situação da sociedade urbanizada com os efeitos colaterais da industrialização, tida nas décadas de 1960 e 1970 como sinal de desenvolvimento.

Muitos são os problemas descobertos por estas discussões, como as conseqüências do efeito estufa, os buracos na camada de ozônio, o desmatamento contínuo prejudicial à biodiversidade existente, seja da fauna ou flora, entre outros. André Trigueiro afirma ser grave o fato de a sociedade não se perceber como parte do meio ambiente, “normalmente entendido como algo de fora, que não nos inclui” (TRIGUEIRO, 2008). Diante disso, é preciso considerar as características específicas do tratamento do tema meio ambiente pelos meios de comunicação, pois é a partir da cobertura jornalística que se pode pensar a forma de entrada e a permanência do tema no debate público. É o que faremos no próximo tópico.

3. As problemáticas do Jornalismo Ambiental

Segundo Strauch (2002), o Jornalismo Ambiental se mostra uma tarefa de abordagem complexa, que apresenta contextos históricos, sociais, políticos e econômicos de difícil cobertura, exigindo um preparo e esforço especial dos jornalistas. Hannigan (1995) diz que as dificuldades encontradas no jornalismo se devem às rotinas produtivas a que as notícias são submetidas, com a ressalva de que não é apenas no jornalismo ambiental que isto acontece. De acordo com Bueno (s/d), a fragmentação imposta pelo sistema de produção jornalística torna frágil a cobertura ambiental.

Além deste impasse, a atual prática do jornalismo ambiental instiga pesquisadores do tema à constatação de que as fontes utilizadas para as notícias são majoritariamente de caráter oficial, ou seja, a sociedade civil é pouco representada na mídia ao se falar de meio ambiente. Como exemplo, tem-se a pesquisa de Benedeti (2006), que analisou uma amostra de 213 notícias de edições de sete jornais brasileiros com grande circulação sobre a cobertura dos transgênicos em 2004. Como a autora exprime, “a pesquisa produziu resultados preocupantes” (2006, p.17). Das notícias analisadas, somente 4,7% representavam opiniões ou outro tipo de citação pertencente à sociedade civil, inferindo que alguns dos grandes jornais brasileiros abordam o tema de maneira institucionalizada, seja no âmbito privado (18,8%) ou público

(63,8%)⁴. Para uma possível explicação deste tipo de predominância de fontes, Breed (1999) aponta as razões do controle social na redação, como a dependência desta para com instituições, relação gerada, segundo o autor, por sentimentos de obrigação e estima e até mesmo a cooperação na redação como um prazer da atividade. Uma vez assim considerada, Breed afirma que a notícia se torna um valor. Outra perspectiva do jornalismo ambiental se dá no modo como as notícias são contextualizadas. Trigueiro (2008) defende a idéia de que este gênero do jornalismo não deve ser tratado perifericamente como ocorre nos dias atuais, sem que a discussão se torne vasta e insira aspectos que extrapolem fauna e flora.

Em contrapartida, Wilson Bueno declara haver muito mais o jogo da busca de audiência com a temática aqui discutida do que o propósito de introduzir cidadania numa sociedade com a publicação de tais notícias. Assim também pensa José Hernando (2004) ao citar o professor Lozano Ascencio: “todos sabemos que la información sobre el ambiente transmitida em los medios de comunicación, em muchas ocasiones, está en la estela de las catástrofes [...]”⁵. Hernando também aponta que a falta de espaços exclusivos para o tema dificulta a existência de um jornalismo ambiental especializado, ou mais contextualizado, utilizando o termo usado por Massierer. Especificamente, o autor fala da ausência de editorias que publiquem informações apenas sobre meio ambiente, visto que este é um assunto socialmente relevante como política, economia e questões locais ao meio de circulação das notícias que, por sua vez, possuem espaço exclusivo nos meio de comunicação de massa. A partir dessa discussão teórica sobre a cobertura jornalística a respeito do meio ambiente, no próximo tópico analisamos como se deu a cobertura ambiental no jornal Folha de São Paulo nas últimas duas décadas.

⁴ Valores da pesquisa citada (BENEDETI, 2006).

⁵ “Todos sabemos que a informação sobre o meio ambiente transmitida nos meios de comunicação, em muitas ocasiões, está na esteira das catástrofes” (ASCENCIO apud HERNANDO, 2004, tradução nossa)

4. Jornalismo Ambiental: a análise do jornal Folha de São Paulo

Os dados apresentados a seguir são resultados de uma pesquisa quantitativa em que foram analisados 17 anos da produção jornalística da Folha de São Paulo para observar como o jornal abordou o tema meio ambiente nas últimas décadas. A escolha do método está ligada ao objetivo da pesquisa, que é relacionar os dados da realidade com os conceitos e teorias já existentes.

Para a utilização desta metodologia é necessário respeitar a exigência de um grande número de casos para a possibilidade de detectar diferenças significativas e fazer inferência na realidade (DAVIS, 1976). Na pesquisa quantitativa, é possível estudar um grande número de indivíduos (os textos jornalísticos), analisando muitas de suas características, pois o método permite reduzir grande massa de informações em indicadores que possibilitam quantificar e posteriormente interpretar os resultados (CERVI, 2009).

A partir desse tópico são apresentados os dados e a análise dos mesmos. Para a análise, os dados foram agrupados em quatro partes: 1) presença e visibilidade do tema nas páginas do jornal, 2) principais temáticas, 3) abrangência e 4) escolha e distribuição das fontes nos textos. O meio ambiente, apesar de ser um tema em constante discussão na sociedade, não é permanente nas redações da Folha de São Paulo, pois em alguns períodos aparece em pequena quantidade e não possui um espaço específico no jornal.

O assunto meio ambiente não apresenta um crescimento constante ao longo do período analisado quando se observa o espaço ocupado e o número de entradas. O gráfico abaixo mostra os períodos de pico, queda e crescimento.

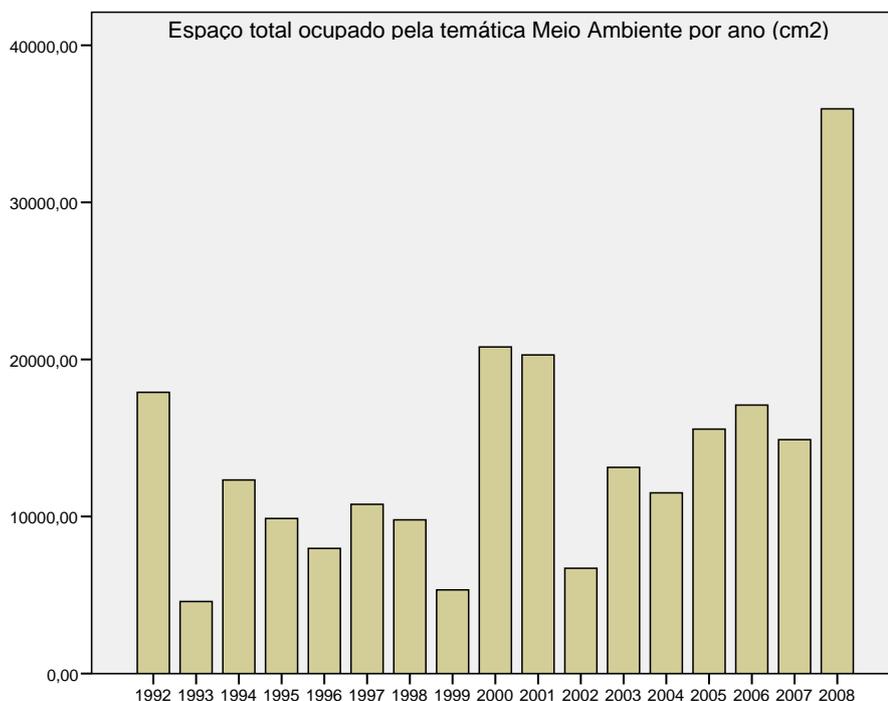


Gráfico 1 – Espaço total ocupado pelo tema meio ambiente no jornal (cm²). Fonte: Autores.

Na pesquisa identificaram-se períodos de pico (1992, 2000, 2001 e 2008), queda (entre 1993 e 1999) e crescimento (entre 2001 e 2007) no espaço destinado ao tema, o que mostra que não houve um crescimento contínuo ao longo dos anos. Quando observado o número médio de entradas em cada ano (gráfico abaixo), o tema aparece bastante estável, ou seja, demonstra que o número de textos produzidos também não aumentou. Apenas o ano de 1992 aparece bem acima da média com 5,54, após, as médias variam entre 1,38 e 3,25. No gráfico abaixo fica evidente a estabilidade do número de entradas. A tabela abaixo (Tabela 1) ajuda a compreender as informações, pois apresenta o valor em cm² referente a cada ano de análise.

Tabela 1 – Espaço total utilizado com o tema meio ambiente.

| Ano | Nº matérias/ano | Total espaço cm² ano |
|--------------|------------------------|----------------------------------------|
| 1992 | 70 | 17905,75 |
| 1993 | 13 | 4588,50 |
| 1994 | 35 | 12327,00 |
| 1995 | 38 | 9877,50 |
| 1996 | 30 | 7970,50 |
| 1997 | 40 | 10777,00 |
| 1998 | 34 | 9787,00 |
| 1999 | 18 | 5332,00 |
| 2000 | 65 | 20790,50 |
| 2001 | 60 | 20285,00 |
| 2002 | 29 | 6706,00 |
| 2003 | 47 | 13130,50 |
| 2004 | 46 | 11507,10 |
| 2005 | 54 | 15563,75 |
| 2006 | 48 | 17094,00 |
| 2007 | 50 | 14893,50 |
| 2008 | 106 | 35951,45 |
| TOTAL | 783 | (média/ano) 13793,35 |

Fonte: Autores.

Pelo gráfico e pela tabela acima, é possível perceber os três momentos históricos distintos: o primeiro que chamamos de picos e que compreende os anos de 1992, 2000, 2001 e 2008 (que citamos acima), o segundo que é a queda (1993 a 1999) e o terceiro que é o crescimento (2002 a 2007). Os períodos de queda e aumento do espaço destinado ao tema



podem ser explicados por alguns fatos que aconteceram na sociedade que se refletiram nas redações e influenciaram na produção realizada pelo veículo. O período entre 1993 e 1999 apresenta uma tendência de queda no espaço utilizado pelas notícias de meio ambiente e o que pode ajudar a explicar isso, são os problemas políticos e econômicos (Governo Collor e Plano Real) que ficaram bastante visíveis nas páginas do jornal nesse espaço de tempo. Em alguns casos, esses temas ocupavam quase todo o espaço das editorias e ganhavam ainda uma editoria especial.

Alguns autores, como Trigueiro (2008) e Aguiar (2005), defendem que a partir de 1992 houve um crescimento do tema na mídia, especialmente nos diários. Porém de acordo com os dados coletados na Folha de São Paulo, é possível perceber que, após 1992 (ano em que aconteceu a ECO-92), diminuiu o espaço destinado ao meio ambiente. A modificação na abordagem observada nessa pesquisa também é enfatizada por Camargo, Capobianco e Oliveira (2004) que justificam a menor visibilidade da produção em meio ambiente nesse período devido ao aparecimento desses outros dois temas, minimizando a importância do meio ambiente.

Já o terceiro momento, chamado de crescimento, pode ser explicado principalmente pelo aparecimento de novos assuntos relacionados ao meio ambiente ao longo desses anos, principalmente a partir de 2000. Alguns temas que ganharam visibilidade nesse período e possivelmente influenciaram o aumento da produção foram ‘desmatamento’, ‘biodiversidade’, ‘mudanças climáticas’ e ‘biocombustível’. Este último, por exemplo, teve seu auge em 2007 e as primeiras matérias catalogadas sobre o tema na amostra datam de 2004. ‘Mudanças climáticas’, apesar de já ter aparecido na década de 90, aparece em maior número no ano de 2007, após o lançamento do último relatório do IPCC sobre mudanças climáticas e aquecimento global. Para complementar as informações sobre o espaço destinado ao tema ao longo dos 17 anos, apresentamos agora os resultados referentes à quantidade de entradas (textos por

edição). Nesse caso, analisando o gráfico seguinte (Gráfico 2) percebe-se um padrão muito mais normal, ou seja, com diferenças menores no número de entrada entre os anos.

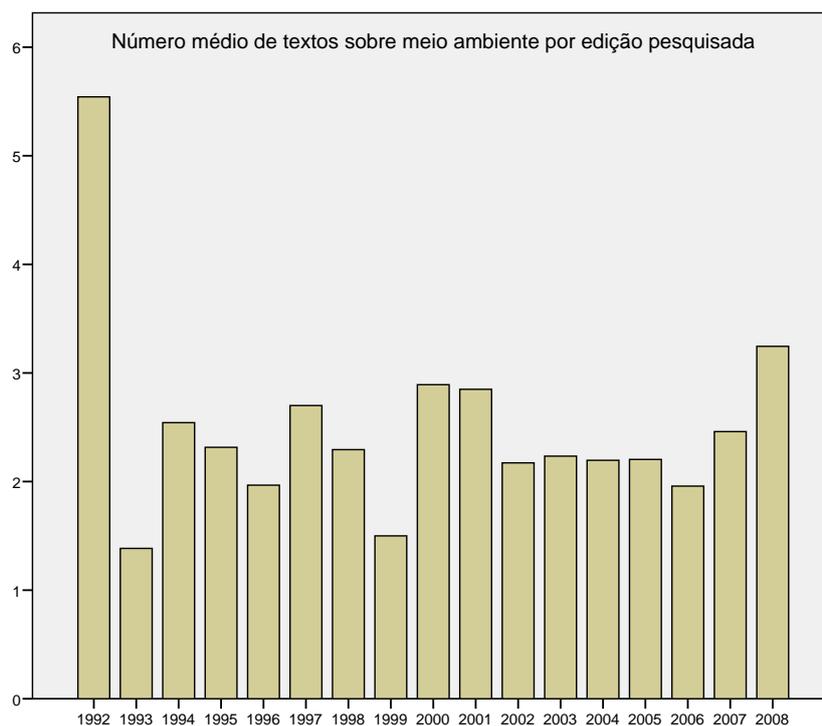


Gráfico 2 – Número médio de textos por edição pesquisada. Fonte: Autores

Analisando o número de textos catalogados, apenas o ano de 1992 apresenta uma quantidade muito acima dos demais (mais de cinco textos por edição). Nos outros anos, esse número varia entre um e três textos por edição. Ou seja, as grandes mudanças na variável anterior (cm²) devem-se mais à diferença de espaço ocupado pelos textos e não ao maior ou menor número deles no jornal, o que leva à discussão sobre a visibilidade do tema nas páginas do jornal e também volta na afirmação da primeira hipótese do trabalho. Quando observado o número de textos por edição, percebe-se uma maior estabilidade no gráfico, o que significa que, além de não haver um aumento constante do espaço utilizado pelo tema meio ambiente ao longo do tempo, também se percebe que a quantidade de textos por edição não se eleva.

Mais uma vez pode-se confirmar que a hipótese inicial não procede. Além do tema não apresentar um crescimento constante no jornal, ele também perde espaço para outros temas na capa, que seria o lugar de maior visibilidade do jornal. Foram catalogadas 65 chamadas de primeira página, em 60 edições de um total de 783. O que representa apenas 9% dos textos que apareceram na parte interna do jornal. Os dados foram comparados com o material catalogado pelo Grupo de Mídia, Política e Atores Sociais da UEPG, que mostra que enquanto em 92 edições o tema economia apareceu 236 vezes na capa, nas 783 analisadas nesta pesquisa, meio ambiente aparece apenas 65 vezes no espaço privilegiado do jornal. Isso demonstra que o tema ainda não é considerado relevante para chamar a atenção do leitor.

Outro dado que aparece na pesquisa deixa evidente a discrepância entre os diferentes temas abordados pelo jornal. Enquanto ‘denúncia’ aparece em 372 textos (47,5%) dos 783 coletados e ‘discussão/políticas públicas’ em 238 (30,4%), os demais temas aparecem em número bem mais reduzido. É o caso de ‘resultados de pesquisa’, ‘eventos’ e ‘educação ambiental’, que aparecem com, 93, 61 e 15 textos, respectivamente. A tabela abaixo mostra esses dados.

Tabela 2 – Números de entradas de cada tema durante o período.

| Tema Geral | Frequência | % |
|-------------------------------------|------------|--------------|
| Políticas públicas em meio ambiente | 238 | 30,4 |
| Denúncia | 372 | 47,5 |
| Resultado de pesquisas | 93 | 11,9 |
| Eventos | 61 | 7,8 |
| Educação ambiental | 15 | 1,9 |
| Outro | 4 | 0,5 |
| Total | 783 | 100,0 |

Fonte: Autores.



Essa informação, além de mostrar que o veículo dá mais espaço para um tema e não a outro, refuta a segunda hipótese proposta na pesquisa de que o tema ‘denúncia’ não apareceria no jornal, resultado da relação que os meios de comunicação em geral têm com as empresas anunciantes, podendo sofrer sanções externas.

Porém, de acordo com os dados da pesquisa é o tema que mais apareceu. Vale ressaltar que apesar de haver contestado essa hipótese por meio dos dados obtidos na pesquisa, essa informação é baseada apenas na Folha de São Paulo e não pode servir para identificar a produção da mídia em geral. Por meio dessa informação, de que pelo menos neste veículo os textos sobre denúncia estão presentes, é possível contestar alguns autores que fazem estudos sobre jornalismo ambiental e reproduzem a informação de que as denúncias não aparecem na mídia brasileira.

Neste caso estudado, a afirmação não procede, porém o dado sobre a incidência de denúncias não significa que não há influência da publicidade ou de outras ações externas às redações na produção do material jornalístico. Porém, se há interferências no jornal, ela não se dá pela exclusão de determinados temas, como os de ‘denúncia’, que era o que se imaginava antes da análise, mas sim de outras formas, as quais só são possíveis estudar numa pesquisa mais aprofundada de caráter qualitativo. Os dados sobre o número de entradas sobre cada tema também confirma outra hipótese do trabalho, que diz respeito ao baixo número de notícias sobre ‘educação ambiental’, por ser um tema menos factual e de caráter mais contextual, que pode ser caracterizado como notícias fora de programa (ou seja, que não dependem de um acontecimento para serem divulgadas). Por meio da pesquisa percebe-se que a hipótese se sustenta, já que ‘educação ambiental’ é o tema que menos apareceu.

A pesquisa observou também que dentre os temas ambientais, categorizados em desenvolvimento sustentável, poluição e mudanças climáticas, por serem as discussões centrais das conferências realizadas pela ONU, o desenvolvimento sustentável foi o que mais apareceu

durante todo o período. O tema é o que possui maior número de entradas em quase todos os anos, exceto 1994, 1996 e 1998. De modo geral, desenvolvimento sustentável aparece com 368 entradas, poluição com 180 e mudanças climáticas com 235. A tabela abaixo apresenta esses dados.

Tabela 3 – Número de vezes que os temas aparece durante o período.

| Tema Ambiental | Frequência | % |
|------------------------------------|-------------------|----------|
| Poluição_Estocolmo-72 | 180 | 23,0 |
| Desenvolvimento Sustentável_Rio 92 | 368 | 47,0 |
| Mudanças climáticas_Rio+10 | 235 | 30,0 |
| Total | 783 | 100,0 |

Fonte: Autores.

Outro dado que ajuda a compreender como esses temas aparecem no jornal, e se de fato, os eventos tiveram alguma relevância para influenciar a discussão sobre eles, é mostrado no gráfico abaixo (Gráfico 3), o qual apresenta a quantidade de entradas desses três assuntos ao longo do tempo. Além disso, a entrada de temas no jornal não segue a lógica das conferências, as quais foram a pauta principal, pois poluição aparece mais a partir de 2000, sendo que foi pauta em 1972 e mudanças climáticas além de já aparecer ao longo do período não apresenta grande elevação em 2002, quando aconteceu a conferência em Johannesburgo. Apenas o tema desenvolvimento sustentável, pauta da ECO-92, teve aumento no ano do evento com mostra o gráfico abaixo.

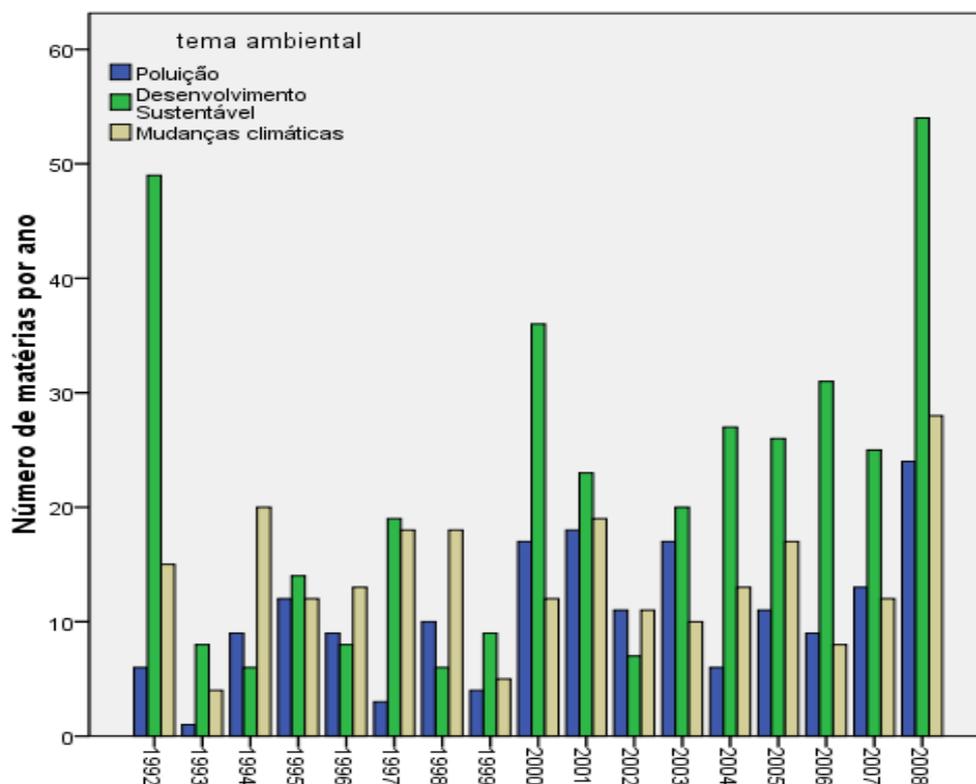


Gráfico 3 – Distribuição dos temas ao longo dos anos. Fonte: Autores.

Ao observar os tipos de fontes, é possível questionar o discurso de pluralidade do jornal. As duas fontes que mais aparecem nas notícias, tanto como primeira citação ou a segunda que mais ganha visibilidade, são as governamentais e as que representam instituição de ensino e pesquisa, que no trabalho foram categorizadas como ‘estado/governo’ e ‘cientista/pesquisador’. Das 783 entradas, 59,3% apresentam pelo menos uma fonte de informação, totalizando 464 textos. Desses, 72% apresentam como primeira fonte essas duas categorias identificadas acima, as quais representam fontes oficiais. A partir deste dado já é possível mostrar a predominância das fontes oficiais sobre as não-oficiais apenas mostrando as duas categorias que se apresentam nas primeiras colocações.

Observando a segunda fonte que mais aparece no texto, percebe-se que elas também permanecem como as que possuem mais visibilidade e somam as duas juntas 71,3% como sendo as fontes que mais aparecem após a primeira citada. A tabela abaixo apresenta os dados referentes a primeira fonte citada no texto. Ressalta-se que os dados para a segunda fonte aparecem muito semelhantes.

Tabela 4 - Distribuição da primeira fonte citada em cada texto.

| Tipo de fonte | Frequência | % |
|------------------------------------|------------|--------------|
| Estado_Governo | 185 | 39,9% |
| Cientistas_Pesquisadores | 149 | 32,1% |
| Ambientalistas_ONGs | 20 | 4,3% |
| Empresas privadas | 41 | 8,8% |
| População | 40 | 8,6% |
| Polícia_Bombeiros | 16 | 3,4% |
| Legislativo | 1 | 0,2% |
| Judiciário_juiz, promotor advogado | 8 | 1,7% |
| ONU | 2 | 0,4% |
| Outro | 2 | 0,4% |
| Total | 464 | 100,0 |
| | | |
| Total de textos com fontes | 464 | 59,3 |
| Textos sem fontes | 319 | 40,7 |
| Total | 783 | 100,0 |

Fonte: Autores

Outro dado importante é que as fontes que representariam as não oficiais, os ambientalistas e a população, aparecem como sendo a primeira citada apenas em 12,9% dos textos que possuem fontes. Isso mostra a disparidade que existe entre fontes oficiais e não oficiais na produção jornalística feita pelo jornal (sendo que não foram incluídas nas fontes oficiais aquelas que aparecem poucas vezes como donos de empresas, polícia etc.).

Observou-se também a quantidade de fontes nos textos e percebeu-se que na medida em que aumenta o número de fontes, diminui o número de textos em cada categoria. Além das 319 matérias que não possuem fontes e são baseadas apenas em relatos do próprio repórter, textos com uma fonte somam 245, mas com seis, que foi o número maior encontrado num texto, há apenas um texto na amostra. Isso evidencia a tendência do uso de poucas fontes na produção jornalística da Folha de São Paulo.

Tabela 5 – Número de fontes catalogadas em cada texto.

| Quantidade | Frequência | % |
|--------------|------------|--------------|
| 0 | 319 | 40,7 |
| 1 | 245 | 31,3 |
| 2 | 130 | 16,6 |
| 3 | 60 | 7,7 |
| 4 | 22 | 2,8 |
| 5 | 6 | 0,8 |
| 6 | 1 | 0,1 |
| Total | 783 | 100,0 |

Fonte: Autores



Esses dados levantam outra discussão sobre a distinção entre quantidade e pluralidade, ou seja, quantidade de fontes não significa pluralidade de informação. Como as duas primeiras categorias, que representam as oficiais, aparecem em mais de 70% dos textos como primeiras e segundas fontes e poucos possuem mais de duas, as chances do texto ser plural quanto ao caráter da informação é pequeno. Isso mostra que além dos textos possuírem poucas fontes de informação há poucas chances da utilização de fontes oficiais e não oficiais no mesmo texto, na tentativa de mostrar os vários ‘lados’ do acontecimento.

Essa constatação feita após a análise dos textos contesta o ‘discurso’ do veículo que o define como pluralista que está presente nos últimos manuais de redação da Folha e é levantado como sendo uma das bandeiras do jornal. Pode ser que em outros assuntos o jornal possa trabalhar de acordo com este conceito, mas no caso da produção sobre meio ambiente isso não é prioridade do veículo, já que a discrepância entre fontes oficiais e não oficiais é bastante evidente.

Além de esta pesquisa contestar o discurso de pluralidade levantado pelo jornal, no Manual de Redação da Folha, é feita uma classificação de fontes, onde os políticos se encontram como sendo a tipo três, que é considerada como sendo a de menor confiabilidade, pois apesar de bem informada, tem interesses que tornam a sua informação menos confiável. Segundo os dados do Manual, esse tipo de fonte só seria utilizado pelo veículo como “ponto de partida para o trabalho jornalístico ou, na impossibilidade de cruzamento com outras fontes, ser publicada em coluna de bastidores, com a indicação explícita de que ainda se trata de rumor, informação não confirmada” (MANUAL DE REDAÇÃO, 2006).

Porém, analisando os textos sobre meio ambiente, os dados encontrados dizem justamente o contrário daquilo exposto no manual. As fontes categorizadas como ‘estado/governo’ que englobam prefeitos, governadores, senadores, deputados e ministros são as que mais aparecem entre todas as categorias, muitas vezes sozinhas já que a maior parte dos textos tem

apenas uma ou duas fontes e as duas que mais aparecem tanto na primeira citada quanto na segunda com mais visibilidade são essas duas. A explicação que Traquina (2005) faz sobre fontes aparece claramente na pesquisa: as fontes oficiais são predominantes enquanto os outros agentes sociais não têm acesso regular. Sobre a visibilidade e espaço utilizado pelos textos, a pesquisa mostra que neste tema predominam os textos de tamanho pequeno.

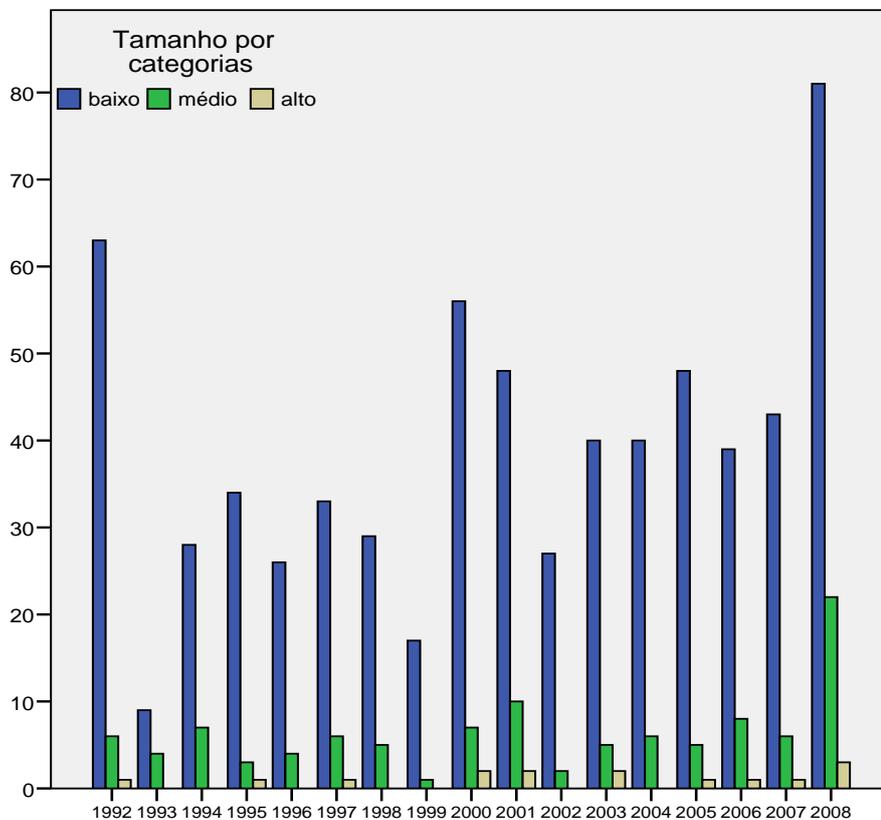


Gráfico 4 – Tamanho do texto (pequeno, médio e grande). Fonte: Autores.

A disparidade observada no Gráfico 4 mostra claramente que os textos de tamanho pequeno predominam ao longo de todo o período. O ano de 2008, mesmo apresentando um aumento das categorias médio e grande, continua ressaltando a diferença entre os três tamanhos: dos 106 textos coletados, 81 são de tamanho pequeno, 22 médios e três grandes. Porém

ressalta-se que durante os 17 anos, mesmo não sendo de forma constante, houve aumento do número de textos médios e grandes. Outro dado importante é que por meio da análise e da tabela abaixo (Tabela 6) pode-se dizer que o jornal se apresenta dividido em editorias, o que demonstra que os temas possuem espaços próprios, mas não que produz jornalismo especializado.

Tabela 6 – Presença dos textos nas editorias.

| Editoria | Nº de entradas | % |
|-----------------|-----------------------|----------|
| Agrofolha | 17 | 2,2 |
| Atmosfera | 10 | 1,3 |
| Brasil | 59 | 7,5 |
| Capa | 65 | 8,3 |
| Ciência | 180 | 22,9 |
| Cotidiano | 316 | 40,3 |
| Dinheiro | 46 | 5,9 |
| Especial | 1 | 0,1 |
| Especial Eco-92 | 10 | 1,3 |
| Esportes | 2 | ,3 |
| FolhaTeen | 3 | ,4 |
| Mundo | 32 | 4,1 |
| Opinião | 41 | 5,2 |
| Turismo | 1 | ,1 |
| Total | 783 | 100,0 |

Fonte: Autores



Sociedade Brasileira de Estudos
Interdisciplinares da Comunicação

*Iniciacom – Revista Brasileira
de Iniciação Científica em
Comunicação Social*

De acordo com os conceitos propostos por autores que estudam o jornalismo especializado, a produção da Folha não se caracterizaria como sendo especializada, pois não atende os pré-requisitos tais como o máximo de profundidade, sofisticação e distância da generalização, os quais foram propostos por Schwaab (2005). A especialização surgiu como forma de ‘dividir’ os temas, mas atualmente ela tem outras definições mais completas, as quais não aparecem na produção do jornal. Isso ocorre principalmente pelo fato do pouco espaço destinado ao tema, dos textos observados serem prioritariamente de tamanho pequeno e haver poucas fontes de informação nas produções.

Dessa forma, apesar do jornal defender que sua produção é especializada, principalmente no caso da editoria de ciência que trabalha com temas científicos (incluindo grande parte de matérias de meio ambiente), o jornal não faria jornalismo especializado. Tanto o jornalismo científico (que deveria estar presente na editoria de ciência) e o jornalismo ambiental são ramificações da especialização e deveriam ser baseados em produção mais completa, contextualizada e aprofundada, mas que, de fato, não ocorre na Folha de São Paulo pelas limitações da produção.

Outro dado levantado na pesquisa é que além da produção ser 78% sobre fatos e acontecimentos no Brasil, o que demonstra prioridade para fatos nacionais. A região Sudeste, pela proximidade com a sede do jornal, é a que mais apresenta textos com 39,7% das entradas de abrangência Brasil, seguida da região indefinida, com 29,6%, o que é resultado do grande número de textos sobre políticas públicas, as quais não são referentes a uma região específica, mas a todo o país.

Tabela 7 – Abrangência da produção do veículo nas regiões brasileiras.

| Região | Frequência | % |
|-------------------|------------|-------|
| Sul | 42 | 6,8% |
| Sudeste | 244 | 39,7% |
| Centro Oeste | 30 | 4,9% |
| Norte | 73 | 11,9% |
| Nordeste | 44 | 7,2% |
| Região indefinida | 182 | 29,6% |
| Total no Brasil | 615 | 100,0 |

Fonte: Autores

As notícias de outras regiões dependem do trabalho das agências, dos colaboradores (*free-lancer*) ou das sucursais. Além disso, a região Sudeste ganha mais visibilidade por ser também uma região bastante populosa, com diversos problemas ambientais, como por exemplo, enchentes, poluição etc. Esses problemas cotidianos influenciam para aumentar a produção. Assim como na tabela da abrangência geral, esses dados mostram que a região indefinida também ocupa o segundo lugar na predominância dos textos.

Um dos fatores que explica isso são as notícias sobre políticas públicas, legislação e decisões governamentais que não dizem respeito apenas a uma região, mas ao país todo. ‘Parlamentares precisam votar decisões da Eco-92’ (15/06/1992, Brasil 1.8) e ‘Ministro propõe texto mais restritivo para florestas’ (19/05/2000, Ciência A 20) são títulos que exemplificam notícias que se encaixam nessa categoria. A região Norte aparece em terceiro lugar nas regiões que mais ganham visibilidade no jornal. Nesse caso a explicação para que 11,9% dos textos estejam nessa categoria é que há diversas discussões e problemas relacionados à floresta



Amazônica, como é o caso de desmatamento, queimadas e invasão da mata. As demais regiões aparecem poucas vezes, geralmente com fatos mais isolados.

5. Conclusão

O meio ambiente, apesar de ser um tema em constante discussão na sociedade, não é permanente nas redações da Folha de São Paulo, pois em alguns períodos aparece em pequena quantidade e não possui um espaço específico no jornal. A partir dessa pesquisa é possível mostrar de que forma o Jornal Folha de São Paulo, trata o tema meio ambiente, num período em que alguns autores, como Tosi e Villar (2001), consideram como sendo um marco do jornalismo ambiental na mídia brasileira. O objeto de análise foram as notícias sobre meio ambiente publicadas pela Folha de São Paulo de 1992 a 2008. O total de edições que compuseram a pesquisa foi 442, o que no final resultou em 783 textos coletados.

Por meio da pesquisa foi possível perceber o número de entradas, os temas mais relevantes, o espaço que ocupam nas páginas, a visibilidade nas capas e no interior do jornal, o desenvolvimento ao longo do tempo, os tipos e quantidade de fontes, a abrangência dos textos, entre outros aspectos que ajudam a explicar como o meio ambiente aparece no jornal. Seja pela escolha dos entrevistados, a relação da produção com a realidade de cada local, o tema escolhido, o espaço ocupado, percebe-se que a produção jornalística não é a mera reprodução da realidade, mas que está embutida de ideologia, preferências, aspectos sociais, culturais e do próprio cotidiano do jornalista.

A partir dos resultados obtidos nessa pesquisa é possível contestar a informação da Folha de São Paulo de fazer debate público sobre os assuntos importantes na sociedade. No caso do meio ambiente, apesar do tema aparecer no jornal e de alguma forma haver esse debate, ele não se apresenta plural e se dá apenas pelos acontecimentos factuais, o que faz com que não seja permanente. De acordo com a análise, a promessa do jornal não se cumpre por diversos

fatores, os quais já foram citados ao longo da conclusão que é a baixa presença de fontes; a falta de pluralidade (o jornal prioriza as fontes oficiais); atenção para eventos factuais, o que é evidente na cobertura oscilante ao longo do tempo, já que ainda é dependente de fatos isolados para ganhar espaço no jornal; e não propõe textos com caráter mais contextual e de conscientização do leitor.

6. Referências Bibliográficas

- AGUIAR, Leonel Azevedo de. Representações da crise do meio ambiente no jornalismo científico. Disponível em: www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0338-1.pdf. Acesso em: 20 de setembro de
- BAUER, M. **Análise de conteúdo clássica: uma revisão.** In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: *um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BENEDETI, Carina A. **Qualidade da informação: análise da cobertura jornalística sobre transgênicos.** 2006.
- BREED, Warren. **Controle social na redação. Uma análise funcional.** In: TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: questões, teorias, “estórias”*. 2.ed. Lisboa: Vega, 1999.
- BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Ambiental: navegando por um conceito e por uma prática.** Disponível em: www.agricoma.com.br/artigowilbuenojornalismoambiental.htm. Acesso em 14 de junho de 2010.
- CAPOBIANCO, João Paulo R. **Artigo-base sobre biomas brasileiros.** In: CAMARGO, Aspásia; CAPOBIANCO, João Paulo R.; OLIVEIRA, José Antonio Puppim de (orgs.). *Meio Ambiente Brasil: avanços e obstáculos pós- Rio-92*. São Paulo: Estação Liberdade: Instituto Socioambiental; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004. CERVI, E. **Métodos quantitativos nas ciências sociais: uma abordagem alternativa ao fetichismo dos números e ao debate com qualitativas.** In: Ayres, J. B. (Org.) *Pesquisa Social: reflexões teóricas e metodológicas*. Ponta Grossa: Toda Palavra Editora, 2009.
- ERBOLATO, M. **Técnicas de codificação em Jornalismo - Redação, captação e edição no jornal diário.** São Paulo: Ática, 1985.
- GOLLEY, Frank B. **A history of ecosystem concept in ecology: more than the sum of the parts.** New York: Yale University Press, 1993.

- HABERMAS, J.. **Political Communication in mídia Society: Does Democracy still enjoy na epistemic dimension? The impact of Normative Theory on Empirical Research.** Revista Comunicação Teori. No 16, 2006, p. 411-426.
- HANNIGAN, John A. **Os meios de comunicação social e a comunicação ambiental.** In: HANNIGAN, John A. (Org.). Sociologia ambiental: a formação de uma perspectiva social. Lisboa: Instituto Piaget, 1995, p. 79-101.
- HERNANDO, José A. A. **El tratamiento de la información ambiental: los retos del periodismo ecológico.** 2004. Disponível em: <http://chasqui.comunica.org/content/view/87/58/> Acesso em 15 de junho de 2010
- MANUAL DA REDAÇÃO DA FOLHA DE SÃO PAULO.** São Paulo: Publifolha, 2006.
- MASSIERER, Carine e GIRARDI, Ilza M. T. **O peso da organização jornalística na construção das matérias de meio ambiente no Brasil.** Disponível em: http://www.alaic.net/alaic30/ponencias/cartas/Tecnologia/ponencias/GT18_%20%20Massierer%20Tourinho.pdf. Acesso em 15 de junho de 2010.
- SCHIMIDT, Simone. **Páginas verdes – A presença da emoção no Jornalismo Especializado em Meio Ambiente: Uma análise da seção de entrevistas pingue-pongue da revista Ecologia & Desenvolvimento.** Disponível em: www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7772/000556583.pdf?sequence=1. Acesso em: 20 de setembro de 2008.
- SCHWAAB, Reges Toni. **Jornalismo Ambiental no rádio educativo: a experiência do programa Ambiente Vivo.** Disponível em: www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/cd3/sonora/regestonischwaab. Acesso em: 20 de setembro de 2008.
- STRAUCH, Manuel Christoph. **Meio Ambiente nos jornais de Porto Alegre: um panorama da abordagem ambiental no Correio do Povo, Jornal do Comércio, O Sul e Zero Hora.** 2002. 68 f. Monografia desenvolvida na disciplina Projeto Experimental em Relações Públicas I, UFRGS, Departamento de Comunicação Social, Faculdade de Biblioteconomia e Documentação, Porto Alegre, 2002.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são.** vol I. Florianópolis: Insular, 2005.
- TRIGUEIRO, André (Org.). **Meio Ambiente no Século 21.** Autores Associados Ltda, 5ª Ed. 2008.
- TOSI, Juarez e BELMONTE. Roberto Villar. **Jornalismo Ambiental: onde estão as faculdades de comunicação?** Disponível em: www.portoalegre.rs.gov.br/ecos/revistas/ecos19/opiframe.htm. Acesso em: 20 de setembro de 2008.